

editorial
editorial
entrevista
interview
ágora
agora
tapete
carpet
artigo nomads
nomads paper
projeto
project
expediente
credits
próxima v!rus
next v!rus

ÁGORA
AGORA

A AMÉRICA LATINA COMO "ILHA": UM PROJETO UTÓPICO LIBERTÁRIO
LATIN AMERICA AS AN "ISLAND": A LIBERTARIAN UTOPIAN PROJECT
CLÁUDIA GONÇALVES FELIPE

V!22
REVISTA V!RUS
VIRUS JOURNAL

issn 2175-974x
julho . july 2021



Cláudia Tolentino Gonçalves Felipe tem graduação em História, é doutora em História e pós-doutoranda na área de Ciências Humanas. Atualmente, é pesquisadora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, onde pesquisa a produção artística de John Cage e Hélio Oiticica no pós-Segunda Guerra.
claudiatolentino.ufu@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6635612645290887>

PT | EN

Como citar esse texto: FELIPE, C. T. G. A América Latina como "ilha": um projeto utópico libertário. **V!RUS**, São Carlos, n. 22, Semestre 1, julho, 2021. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus22/?sec=4&item=4&lang=pt>. Acesso em: 17 Jul. 2021.

ARTIGO SUBMETIDO EM 7 DE MARÇO DE 2021

Resumo

Concebido como contribuição ao dossiê "Latinoamérica: você está aqui!", proposto pela revista V!RUS, este artigo aborda um projeto político-cultural formulado por anarquistas latino-americanos na década de 1950. Sua proposta, em termos gerais, visava a reconfiguração libertária das fronteiras políticas, sociais, geográficas e econômicas do continente. Compreendendo o anarquismo como um movimento internacionalista, analisamos, em um primeiro momento, a organização de encontros e conferências que tinham como propósito o fortalecimento de um movimento universalista capaz de agregar diferentes povos em torno de uma mesma finalidade: a edificação da utopia libertária. Em seguida, buscamos compreender um caso específico, envolvendo a proposição de uma sociedade latino-americana realizada na Conferência Anarquista Americana de Montevideú (1957). Essa conferência contou com a participação de representantes do anarquismo provenientes de vários países do continente americano e teve como pauta principal a necessidade de integração dos países da América em uma única "ilha", na qual fronteiras políticas, sociais, geográficas ou econômicas seriam abolidas em prol da consolidação de uma sociedade federalista libertária.

Palabras-clave: Anarquismo, Universalismo, América Latina, Utopia

1 Introdução

Em artigo publicado no jornal *Ação Direta*, o anarquista Edgard Leuenroth (1946) explorou elementos provenientes de seu projeto para a transformação da sociedade brasileira. Partindo da premissa de que a Segunda Guerra Mundial foi o resultado de um "choque de ambições e da exploração do homem pelo homem" que estremeceu as bases sobre as quais se assentavam a organização de todas as nações, o militante advertia

que outro conflito de tal magnitude levaria, inevitavelmente, à ruína da humanidade¹. Diante desse cenário, Leuenroth afirmou que, para alguns indivíduos, melhorias de caráter imediato seriam suficientes para manter o “edifício” em pé; para outros, apenas uma transformação completa das bases/estruturas poderia impedir um colapso. O anarquista assegurou que de nada adiantariam conferências e armistícios, encarados como medidas provisórias que, a longo prazo, se mostrariam ineficazes. Por outro lado, a construção da anarquia poderia promover uma paz duradoura entre os povos:

O rancho de pau-a-pique em que vivemos ameaça desabar ao impulso de uma ventania mais forte dos varjões de leste. Os esteios roídos pelo cupim exigem substituição, as goteiras da coberta reclamam uns molhos de sapé, precisando-se, ainda, tapar, com punhados de barro, os buracos das paredes e socar terra nos desníveis do chão-batido. É preciso pô-lo em condições de nos dar morada por mais algum tempo, enquanto cuidamos da mudança. A planta da casa grande já está sendo ultimada, para que não se retarde a sua construção. Será um grande e belo edifício ensolarado, com amplas janelas, por onde entrará muito ar e muita luz. Terá cômodos espaçosos, forrados e assoalhados, e, ainda, uma despensa farta. Ao mobiliário se juntarão o rádio, a televisão e a geladeira, e, na sala do lado, não faltaria uma estante de livros. Apressemos-lhe a construção, a tempo do rancho não nos cair em cima (LEUENROTH, 1946, p. 1).

Depois de enumerar os benefícios da anarquia, Leuenroth asseverou que as mazelas e sofrimentos provenientes da sociedade capitalista seriam abolidas. Para tanto, o projeto utópico anarquista (“planta da casa”) foi anunciado como forma de edificação dessa nova ordem social. Imaginar, escrever, projetar seus fundamentos, organização e funcionamento seria, para o autor, uma demanda urgente. Se o sistema estava falido, arruinado, não restava outra saída senão transformá-lo. Propor novas formas de vida e de convivência entre os homens, no pós-guerra, foi uma preocupação não apenas de Edgard Leuenroth, mas também de outros anarquistas como Ênio Cardoso, que esboçou um projeto libertário para a América Latina baseado em uma sociedade livre de fronteiras políticas, sociais, geográficas ou econômicas (CARDOSO, 1960). Apesar dessa atuação, parte da historiografia que estudou a atuação libertária no pós-Segunda Guerra conferiu pouca ou nenhuma importância às propostas em questão (SILVA, 2014). Logo, os estudiosos acabaram desconsiderando aspectos importantes da prática libertária, como seu caráter universalista e transnacional (afinal, tratava-se de uma atuação conjunta em redes de militantes de diferentes nacionalidades).

Concebido como contribuição ao dossiê “Latinoamérica: você está aqui!”, proposto pela revista V!RUS, este artigo aborda um projeto político-cultural formulado por anarquistas latino-americanos na década de 1950. Sua proposta, em termos gerais, visava a reconfiguração libertária das fronteiras políticas, sociais, geográficas e econômicas do continente. Compreendendo o anarquismo como um movimento internacionalista, analisamos, em um primeiro momento, a organização de encontros e conferências que tinham como propósito o fortalecimento de um movimento universalista capaz de agregar diferentes povos em torno de uma mesma finalidade: a edificação da utopia libertária. Em seguida, buscamos compreender um caso específico, envolvendo a proposição de uma sociedade latino-americana realizada na Conferência Anarquista Americana de Montevidéu (1957). Essa conferência contou com a participação de representantes do anarquismo provenientes de vários países do continente americano e teve como pauta principal a necessidade de integração dos países da América em uma única “ilha”, na qual fronteiras políticas, sociais, geográficas ou econômicas seriam abolidas em prol da consolidação de uma sociedade federalista libertária.

2 Ruindo fronteiras

O militante Edgar Rodrigues afirmou que, no pós-Segunda Guerra, o alargamento das relações libertárias possibilitou que o anarquismo brasileiro se consolidasse como um movimento sem fronteiras, solidário e crítico em relação às práticas libertárias em âmbito internacional (RODRIGUES, 1993). Nos jornais, encontramos diversas denúncias contra as perseguições e atrocidades sofridas por anarquistas de diferentes nacionalidades, mas também notas de solidariedade que ofereciam apoio e palavras de incentivo, discussões e debates de ideias provenientes de várias localidades, textos e publicações libertárias, reflexões sobre a necessidade de integração nacional, continental e internacional. A tentativa de fortalecimento das relações internacionais entre organizações anarquistas foi intensificada após o ano de 1945². Militantes e autores de diversas partes do mundo começaram a discorrer sobre a importância da criação de laços e de uma rede de solidariedade internacional. Tal iniciativa era uma forma de resistência e um mecanismo de fortalecimento e disseminação do ideal libertário, encarado como único caminho para a promoção da anarquia³.

Em 1945, anarquistas do movimento francês e espanhol sugeriram a necessidade de um encontro internacional, com o intuito de propor ações integradas. No ano seguinte, militantes búlgaros aconselharam a nomeação de uma comissão para preparar um congresso internacional. A primeira circular da comissão solicitava sugestões de temas a serem debatidos no encontro e de um local para sua realização. Além disso,

aventava a possibilidade de constituição de uma Federação Anarquista Internacional. O resumo das respostas recebidas foi publicado em uma segunda circular, escrita em espanhol, francês e italiano. Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Bolívia, Brasil, Cuba, China, Equador, Espanha, Itália, México, Polônia, Suíça e Suécia estão entre os países que enviaram comentários.

A maioria dos participantes saudou a iniciativa da comissão e ponderou sobre a criação de uma organização anarquista internacional. Os argentinos, por exemplo, mencionavam o risco de a Federação Internacional se tornar autoritária e exercer o direito de representar todo o anarquismo, a despeito das particularidades regionais. Assim, eles propuseram a criação de uma comissão de relações internacionais, que desempenharia funções meramente informativas e inter-relacionais. Já os franceses afirmavam que essa organização, com o devido planejamento, poderia ser importante não apenas para fortalecer as relações libertárias em geral, mas também para auxiliar, de forma eficiente, rebeliões anárquicas em diversas localidades. Além disso, sugeriu-se a criação de uma organização responsável pela guarda, preservação e circulação de arquivos libertários. Esta ação foi considerada imprescindível, pois garantiria a intercomunicação libertária e o fortalecimento das redes de contato⁴.

Em janeiro de 1948, um artigo publicado no jornal francês *Le libertaire* sugeria que o mundo havia acabado de testemunhar o fim de uma era de terror e o início de um tempo áureo. Sendo assim, o ano de 1948 foi concebido como o limite de uma virada secular, marcada pelo cessar de guerras e horrores. Tal reviravolta seria garantida pela união anarquista internacional, a ser efetivada por um encontro organizado em oposição à guerra e ao autoritarismo. Esse seria um avanço em prol da construção de um mundo harmônico, unido e fundado sobre os preceitos libertários (LE LIBERTAIRE, 1948, p. 1). No jornal brasileiro *A Plebe*, especificamente numa edição de junho de 1948, que reúne informações provenientes do exterior sobre a preparação desse encontro anarquista internacional, foi publicado um artigo escrito por Souza Passos sobre o anarquismo como solução para todos os problemas enfrentados pelo mundo sob a égide do regime capitalista: as guerras, a fome, a imoralidade, a corrupção, a desigualdade, ódios, invejas e desentendimentos entre os homens e as sociedades. Para Passos, o desequilíbrio mundial só terminaria com o estabelecimento de uma sociedade composta de povos federados e unidos pelo sentimento de solidariedade e pelo apoio mútuo. A realização de um encontro anarquista internacional seria, portanto, uma etapa importante (PASSOS, 1948). Os dois artigos mencionados salientam as expectativas frente à possibilidade de fortalecimento das relações anarquistas em âmbito internacional.

Entre os dias 15 a 17 de maio de 1948 foi realizada, em Paris, a chamada “Conferência Anarquista Internacional”, na qual examinou-se a situação geral do mundo, assim como das organizações e relações anarquistas mundiais. Também foi elaborado um programa de trabalho internacional e designada uma organização para a sua coordenação, denominada *Commission Internationale des Relations Anarchistes* (C.R.I.A.). O C.R.I.A. teria as seguintes responsabilidades: mediação entre grupos libertários isolados com o intuito de assegurar a solidariedade; organização de arquivos internacionais para viabilizar a circulação de publicações anarquistas; redação de boletins regulares com informação sobre iniciativas de integração libertárias, escritos em diversas línguas. No manifesto da conferência, lançado logo após sua realização, mencionava-se o desejo de unificação internacional por meio da solidariedade e da fraternidade. Nesse sentido, ações e iniciativas voltadas para o estreitamento dos laços entre anarquistas foram incentivadas e encaradas como caminho para a organização de uma sociedade libertária universal. No manifesto, o anarquismo era concebido como único ideal capaz de sanar as crises e de evitar um ciclo de guerras ininterruptas. Além disso, somente ele poderia proporcionar uma sociedade irmanada no amor e no respeito:

A democracia burguesa faliu. O capitalismo privado mostrou sua incapacidade de resolver suas próprias contradições. Seja liberalismo ou totalitarismo, um e outro nos vinculam a uma economia de guerra e toda a sociedade trabalha na produção dos meios de destruição. Um entendimento entre os dois blocos que esmagam o mundo não forneceria qualquer solução. A base do acordo apresentado por Stalin em dezessete de maio não é outro senão a preparação, em conjunto, de novos massacres. A eventual combinação dos planos de Marshall e Molotoff não resolverá nem o caos social nem nenhum dos problemas colocados pelas ruínas e pela fome. Esses planos constituem um novo instrumento do imperialismo exercido sob o pretexto de melhoria econômica e política. Nenhuma das forças espirituais que pretendem dirigir a humanidade de acordo com os imperativos dos Estados, das Igrejas e dos Partidos, é agora capaz de exercer uma função útil. Todos submergiram nos fanatismos mais brutais. Todas as organizações políticas, sindicais e religiosas imbuídas do autoritarismo tornaram-se os instrumentos da escravidão. (...) Tudo o que nossa geração tem experimentado nada mais é do que uma acumulação de males resultante do próprio funcionamento da sociedade autoritária, do esmagamento das forças da liberdade (CONFERÊNCIA ANARQUISTA INTERNACIONAL, 1948, p. 1).

Anunciava-se que, com o alargamento das relações internacionais, do auxílio e do apoio mútuo entre diferentes países, o mundo estaria se preparando para romper com o *modus operandi* da sociedade vigente. A prática da solidariedade foi indicada como um exercício de conquista, como forma de revolução capaz de alcançar todos os povos. Essa revolução, ancorada nos princípios anarquistas, poderia arrancar a humanidade desse ciclo de destruição: “a anarquia, um princípio organizador sem dogmas ou fronteiras, é o único caminho para a paz” (CONFERÊNCIA ANARQUISTA INTERNACIONAL, 1948, p. 1). Ou seja, o único caminho para uma confraternização universal.

Alguns países conceberam a realização de um encontro anarquista internacional como incentivo a uma melhor articulação do próprio movimento local. Por razões diversas, como a intensificação dos regimes autoritários e totalitários, a incidência das grandes guerras e conflitos locais, o movimento anarquista de vários países sofria perseguições sem precedentes. A participação em um encontro internacional serviria de estímulo para a perpetuação da luta libertária. No Brasil, por exemplo, logo após a realização da conferência internacional de 1948, foi organizado um congresso nacional que visava o fortalecimento das relações locais e regionais, assim como da difusão e propaganda do ideal libertário. A declaração abaixo, realizada pelo militante anarquista Edgard Rodrigues, avalia o alcance desse congresso:

O encontro de 1948 não se limitou a provar que o anarquismo não havia morrido, ou a desafiar a capacidade organizativa dos seus militantes, serviu também para planejar e aprovar seus rumos no Brasil, uniformizar a propaganda e criar o CRA (Comissão de Relações Anarquistas), cuja atividade ultrapassaria as fronteiras geográficas do território brasileiro. Serviu igualmente para trocar experiências e cultura sociológica, ampliar o intercâmbio de propaganda com os movimentos de outros países e abrir espaço para a realização do Congresso do Rio de Janeiro de 1953. Aprovou ainda a formação de grupos específicos, uniões locais, municipais, deliberou contra o colaboracionismo, o militarismo, o clericalismo e o combate a todas as ditaduras (RODRIGUES, 1993, p. 29).

Para Rodrigues, o encontro nacional fortaleceu o movimento anarquista brasileiro e auxiliou no alargamento das relações internacionais. A Comissão de Relações Anarquistas, criada durante o encontro, foi responsável pelo estreitamento dos laços entre os anarquistas do país e de outras partes do mundo, tais como franceses, italianos, espanhóis, argentinos, peruanos, mexicanos, japoneses, suíços, britânicos, cubanos, americanos e uruguaios. A CRA agilizou a troca de informações, correspondências, circulares, boletins, relatórios e jornais. Como veremos, tentativas de fortalecimento do anarquismo como um movimento universalista levou à proposta, na América, de configuração do continente como uma única “ilha” sem divisões de fronteiras políticas, sociais, geográficas ou econômicas.

3 A integração da América Latina

Entre os dias 14 e 21 de abril de 1957 ocorreu, em Montevidéu, a Primeira Conferência Anarquista Americana. Nela compareceram delegações anarquistas do Brasil, da Argentina, do Chile, do Uruguai e de Cuba⁵. A conferência foi organizada pela Comissão Continental de Relações Anarquistas (CCRA), que congregava “todos os grupos anarquistas do continente americano⁶” e tinha como objetivo estudar a situação econômica, social, política e cultural da América. O documento que descreve esta conferência afirma que o estudo partia de uma baliza essencial do pensamento libertário: a compreensão do homem como um ser livre e histórico que age em busca da satisfação de suas vontades, mas sempre em consonância com os direitos do próximo. O intuito era compreender em que medida a sociedade permitia (ou não) que o homem se realizasse em sua plenitude.

Os anarquistas querem liberdade, paz e solidariedade entre os homens. Diante da dura realidade, reafirmamos nossa atitude ao convidar os homens a construir para si essa paz e liberdade, superando fatores materiais, preconceitos e dogmas, interesses mesquinhos e autoritarismos. À intenção suicida de dividir irredutivelmente o mundo em dois blocos igualmente autoritários e desumanos, nos opomos com nossa atitude anarquista, fraterna e solidária. Diante da corrida insensata da qual nasce a guerra que os mentores do poder pretendem nos lançar, anunciamos nossa decisão suprema de não matar ou morrer para outros fins que não os autênticos valores de liberdade, fraternidade e justiça. Diante da exploração e colonização de algumas nações por outras, proclamamos o direito dos povos de governar seu destino. Diante da existência: ditaduras legais e ilegais, nacionalismos estreitos e rancorosos, expomos nossa condição universal e libertária. Diante do capitalismo privado ou estatal, e diante do coletivismo compulsivo e desigual, reivindicamos o socialismo libertário, feito sob medida para

o homem, produto de suas aspirações e preferências (PRIMEIRA CONFERÊNCIA ANARQUISTA AMERICANA. MONTEVIDEO, 1957, p. 8-9, tradução nossa⁷).

Torna-se evidente que, para além das divisões e discórdias provocadas pelos homens no seio das sociedades capitalistas, os anarquistas desejavam a construção de um mundo fraterno, solidário, pautado em preceitos de caráter universal. O documento menciona grandes problemas que acometiam o mundo do pós-Segunda Guerra, como o alastramento dos autoritarismos, dos imperialismos e dos sentimentos nacionalistas, males provenientes de injustiças, ódios, discórdias e guerras. Esses males só poderiam ser combatidos por meio da perpetuação da liberdade e da solidariedade. Para impedir que o Estado continuasse com seu poder de dominação e de atrofiamento do homem enquanto ser livre e social, seria necessário multiplicar as redes de associações livres, fortificando as relações sociais e estimulando as capacidades criadoras dos homens.

Para comprovar que os preceitos libertários de harmonia social eram compatíveis com a ordem natural de qualquer sociedade (que deveria ser livre, igualitária, solidária e universal), o documento salienta que a própria constituição do continente americano seria favorável a uma integração regional e federada de seu conjunto geográfico. Logo, apresenta a proposta de um território sem fronteiras, sobretudo entre os países que integravam a América Latina:

O continente americano possui características que facilitam, em relação a outras partes do mundo, a integração regional e federada de seu conjunto geográfico. Características comuns como linguagem, idiosincrasia, origem histórica etc., e aspectos variados e complementares, contribuem para atenuar as diferenças impostas pela distante localização geográfica. Por outro lado, as necessidades de abastecimento de alimentos, bens de consumo, matérias-primas etc., impõem uma complementação entre as diferentes atividades produtivas. Todas as condições estão reunidas e todas as necessidades justificam a transformação da atual América Latina, subdividida nacionalmente em um continente no qual as barreiras foram removidas. Como anarquistas que não reconhecem pátria e nacionalidade, lutamos pela internacionalidade das sociedades humanas, ultrapassando as fronteiras dos preconceitos e autoritarismos locais. A América encontrará uma solução para muitos de seus problemas no dia em que os sistemas nacionais despóticos de governo forem substituídos por uma organização na qual os indivíduos, direta e livremente, atendam aos problemas sociais, coordenados em um sistema federativo regional (PRIMEIRA CONFERÊNCIA ANARQUISTA AMERICANA. MONTEVIDEO, 1957, p. 22, tradução nossa⁸).

O texto prossegue explicando a perspectiva libertária sobre a necessidade dessa integração da América Latina:

A ação militante dos anarquistas estará sempre informada pela ideia de que somos todos irmãos sem discriminação; que as diferentes origens nacionais, continentais, sociais, religiosas etc., carecem de significado diante da indiscutível realidade das massas oprimidas em todo o planeta. Como americanos, denunciamos que a subdivisão do povo em nacionalismos exasperados é um mero instrumento de exploração econômica, de opressão política e de desintegração cultural dos habitantes do continente. Como anarquistas, nosso caráter internacional e onde quer que vivamos e atuemos, lutaremos contra os estados existentes e contra os superestados cuja formação é fomentada (PRIMEIRA CONFERÊNCIA ANARQUISTA AMERICANA. MONTEVIDEO, 1957, p. 23, tradução nossa⁹).

Através desse documento, os anarquistas justificavam a integração regional e federada do continente americano, além de nele mencionarem as tarefas imprescindíveis para o seu êxito: realização de estudos sobre a "realidade americana"; articulação da imprensa libertária continental; circulação regular, na América, do material anarquista publicado; fortalecimento de vínculos entre os diferentes movimentos anarquistas, em âmbito continental e mundial; incentivo à circulação de militantes por grupos libertários dos países americanos; criação de uma biblioteca/arquivo internacional anarquista; atuação dos militantes nos sindicatos e em outros espaços de sociabilidade (como é o caso dos centros de cultura); criação de comunidades libertárias para a experimentação prática de convivência livre, solidária e fraternal; estímulo de práticas solidárias e fraternas entre os americanos.

Sobre essa conferência, encontramos algumas notas em jornais anarquistas da época, como no *Ação Direta, Solidaridad Obrera e Tierra y Libertad*. Dentre elas, destacamos a nota publicada no *Ação Direta*, que se trata de referência a uma carta enviada pelo delegado que representou o Brasil no evento, destinada aos editores e leitores do periódico, na qual o autor relata suas percepções da conferência:

A conferência se desenvolveu em plano tão profundamente anarquista, que, em tudo, chegamos a acordos por unanimidade. [...] Como vereis pelas atas que nos serão dirigidas diretamente, o acordo fundamental é o de intensificar as relações e a organização, projetando o mais possível nossas atividades nas organizações obreiras, culturais etc., propiciando a criação de comunidades (AÇÃO DIRETA, 1957, p. 4).

O delegado ressaltou o caráter do livre acordo como mote da conferência e da anarquia. Em uma reunião ou sociedade de homens livres e iguais, seriam o acordo e o respeito entre as partes que garantiriam a harmonia. Nesse sentido, estimular a intensificação das relações entre militantes de diferentes países e a organização de atividades obreiras e culturais seria crucial para a convivência harmônica em uma sociedade libertária. Do mesmo modo, o incentivo à criação de comunidades anarquistas, tal como a *Comunidad del Sur*¹⁰, de Montevideu, demonstra que pela prática da solidariedade, da integração entre os homens, do respeito ao outro, da convivência harmônica, seria possível a construção de um mundo mais justo e humano e uma forma de combate aos sistemas autoritários e exploratórios vigentes na América e no mundo. Em busca da construção de uma sociedade livre do horror das guerras e das discórdias oriundas dos imperialismos e autoritarismos, os anarquistas do pós-Segunda Guerra apregoavam que a edificação da utopia libertária era não apenas possível, mas também necessária. A edificação de uma "ilha libertária americana" foi considerada um passo inicial para a erradicação dos males sociais e para a construção de um mundo universalista pautado nos preceitos libertários.

O anarquista francês Perez Guzman, depois de definir o conceito de utopia como um porvir ansiado por indivíduos que buscavam um mundo melhor, afirmou que a utopia libertária seria uma potência capaz de proporcionar a comunhão universal entre todos os povos.

A potência criativa do ideal derrubará um dia as barreiras erguidas pela diferença de raça e nacionalidade e executará o grande trabalho de todos os seres que se juntam em um abraço estreito e solidário; e, então, todos nós viveremos em "ANARQUIA" (GUZMAN, 1961, 2).

Publicado em 1961 no jornal mexicano *Tierra y Libertad*, o artigo em questão sustentou que a paz, tão almejada em um mundo assolado pelo terror das guerras, só poderia ser alcançada com a eliminação das fronteiras políticas, étnicas e sociais. O discurso de Guzman vai de encontro às reflexões de teóricos e pensadores anarquistas, que buscavam a efetivação prática da anarquia. Afinal, como uma sociedade amparada na liberdade, na igualdade e na solidariedade poderia se constituir quando a divisão e a discórdia são a regra? Como afrouxar a linha das convenções, das fronteiras e da relação com o outro em uma sociedade individualista? Como confrontar os nacionalismos, os patriotismos e, portanto, a imposição de limites capazes de impedir a adesão a um projeto comum?

4 Conclusões

Por reconhecer as singularidades e diferenças entre os povos, os anarquistas defendiam a liberdade, a igualdade de direitos e deveres e a solidariedade como princípio aglutinador das diferenças. Orientados pelo respeito, pela empatia e pelo reconhecimento do outro como um igual, eles insistiam na construção de uma sociedade harmônica, fraterna e pacífica. Podemos, portanto, considerar a "ilha americana libertária", proposta pela Primeira Conferência Anarquista Americana, como uma etapa crucial no projeto político-cultural utópico de edificação da anarquia pelos anarquistas latino-americanos. A metáfora da ilha, no caso, não remete à clausura. Diferentemente da época em que o mundo estava sendo cartografado, como no tempo da colonização portuguesa, a ilha anarquista não se encontra mais no além-mar: ela está aqui, entre nós, servindo-se de cenário para uma distopia a ser erradicada.

Não se trata de uma metáfora espacial, de um deslocamento para outras paragens livres da corrupção capitalista, mas de uma metáfora temporal, que situa a anarquia no mesmo cenário (uma ilha fluida e sem fronteiras que se adapta, constantemente, às contingências históricas), projetado no amanhã (FELIPE, 2019). Assim, os projetos anarquistas buscavam evidenciar a necessidade da solidariedade, da criação de condições flexíveis e dinâmicas para a elaboração de uma coletividade cujo desenho, sempre feito e desfeito, permitiria um alargamento constante da ilha, da existência libertária. A compreensão desses projetos permite ao pesquisador do movimento anarquista latino-americano desvelar importantes aspectos políticos e culturais relacionados ao contexto do pós-Segunda Guerra no continente, marcado pelo horror à guerra e pela força crescente dos nacionalismos, imperialismos e autoritarismos então vigentes.

Referências

AÇÃO DIRETA. A Conferência Anarquista de Montevideu. **Ação direta**, São Paulo, ano 31, n. 18, p. 4. 1957.

AÇÃO DIRETA. O Congresso Anarquista Internacional. **Ação Direta**, São Paulo, ano III, n. 130, p. 4, 1958.

CONFERÊNCIA ANARQUISTA INTERNACIONAL. **Manifesto da Conferência Anarquista Internacional**, Paris, 1948.

CARDOSO, E. **Projeto de Federação Anarquista latino-americana**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1960.

CORRÊA, F. **Surgimento e breve perspectiva histórica do anarquismo (1868-2012)**. São Paulo: Faísca, 2013.

FELIPE, C. T. G. **Tópicos libertários no pós-Segunda Guerra**: notícias de todo lugar em uma época de intranquilidade. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/336269>. Acesso em: 21 abr. de 2021.

GUZMAN, P. Idealistas y Positivistas. **Tierra y Libertad**, México, ano 18, n. 217, p. 02, 1961.

LE LIBERTAIRE. Reaffirmations internationalistes pour l'année de grâce. **Le libertaire**, Paris, n. 110, p. 1, 1948.

LE LIBERTAIRE . Pour l'internationale anarchiste. **Le Libertaire**, Paris, n. 115, p. 04, 1948.

LEUENROTH, E. O problema brasileiro sob o ponto de vista dos anarquistas. **Ação Direta**, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 1, 1946.

PASSOS, S. Desequilíbrio internacional e solução libertária. **A Plebe**, São Paulo, ano 31, n. 16, p. 01, 1957.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA ANARQUISTA AMERICANA. 1º Conferência Anarquista Americana, 1957, Montevidéu, Uruguai.

RODRIGUES. E. **Movimento ideológico sem fronteiras**. Entre ditaduras (1948-1962), Rio de Janeiro: Achiamé, 1993.

SILVA, R. V. **Elementos Inflamáveis**: Organizações e Militância Anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1964). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/3344>. Acesso em: 21 abr. de 2021.

1 É importante ressaltar que a problemática da guerra sempre foi objeto de discussão entre os anarquistas em diferentes tempos e lugares, não sendo uma exclusividade do período estudado. Nesse sentido, parece-nos pertinente compreender como ela foi tratada no pós-segunda Guerra, quais os sentidos que lhe foram atribuídos em meio à perspectiva de projeção da anarquia (uma sociedade universalista, harmônica, antiautoritária e firmada sob a ética do acordo e respeito mútuos).

2 Convém ressaltar que, no início do século XX, ocorreram iniciativas de integração e fortalecimento das relações anarquistas em âmbito mundial. Em 1907, na cidade de Amsterdã, aconteceu o Primeiro Congresso Internacional Anarquista. Na ocasião, foi criado, em Londres, um departamento internacional anarquista, que funcionou até o ano de 1911. Em 1927, durante uma conferência internacional realizada por iniciativa de um grupo de anarquistas russos exilados na França, chamado *Dielo Trouda*, foi proposta a criação de uma nova organização com o intuito de articular o movimento anarquista a nível internacional. Anarquistas russos, chineses, franceses, italianos e poloneses propuseram a criação de uma Federação Anarquista Internacional. Contudo, a conferência foi interrompida com a invasão da polícia e com a prisão de todos os seus membros (CORRÊA, 2013).

3 Cabe ressaltar que entre as décadas de 1940 e 1960 o movimento anarquista em âmbito internacional foi marcado por várias iniciativas organizadas por associações libertárias que contaram com a participação de anarquistas latino-americanos como: a Cruz Vermelha Anarquista (1960); a Internacional de Federações Anarquistas – IFA (1968); a rearticulação da Internacional Sindicalista - IWA-AIT (1951) (CORRÊA, 2013).

4 Para mais informações sobre as circulares mencionadas, mencionamos os jornais *Le Libertaire* (1948) e *Ação Direta* (1946).

5 Os anarquistas dos Estados Unidos, da Bolívia, do Haiti, do México, de Santo Domingo, do Panamá e do Peru não compareceram, mas enviaram propostas, projetos e sugestões de temas a serem debatidos.

6 A CCRA era uma extensão da Comissão de Relações Internacionais Anarquistas (CRIA), estabelecida na Europa em 1948. A CRIA congregava grupos anarquistas dos seguintes países: Alemanha, Argélia, Argentina, Austrália, Bolívia, Brasil, Bulgária, Canadá, Chile, China, Colômbia, Coreia, Cuba, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Guatemala, Holanda, Índia, Inglaterra, Israel, Itália, Iugoslávia, Japão, México, Marrocos, Panamá, Peru, Portugal, Suíça, Tunísia, Uruguai e Venezuela (CORRÊA, 2013).

7 Do original em espanhol: *"Los anarquistas deseamos la libertad, la paz y la solidaridad entre los hombres. Ante la dura realidad reafirmamos nuestra actitud al invitar a los hombres a construir por sí esa paz y esa libertad superando los factores materiales, los prejuicios y dogmas, los intereses mezquinos y los autoritarismos que se les oponen. Ante el propósito suicida de dividir irreductiblemente al mundo en dos bloques igualmente autoritarios e inhumanos, oponemos nuestra actitud anarquista, fraternal y solidaria. Ante la insensata carrera nacida a la guerra a que pretenden lanzarnos los mentores del poder, anunciamos nuestra suprema decisión de no matar ni morir con propósitos ajenos a los auténticos valores de libertad, fraternidad y justicia. Ante la explotación y el coloniaje de unas naciones por otras, proclamamos el derecho de los pueblos a regir su destino. Ante la existencia de dictaduras legales e ilegales, de nacionalismos estrechos y rencorosos, exponemos nuestra condición universal y libertaria. Ante el capitalismo privado o del estado, y ante el colectivismo compulsivo y desigual, reivindicamos el socialismo libertario, a la medida del hombre, producto de sus aspiraciones y preferencias".*

8 Do original em espanhol: *"El continente americano tiene características que facilitan con respecto a otras partes del mundo, la integración regional y federada de su conjunto geográfico. Rasgos comunes como el idioma, idiosincrasia, el origen histórico, etc., y aspectos variados y complementarios, contribuyen a atenuar las diferencias que impone la distante locación geográfica. Por otra parte, las necesidades en el suministro de alimentos artículos de consumo, materias primas, etc., impone una complementación entre las distintas actividades productivas. Todas las condiciones están dadas y todas las necesidades justifican la transformación de la actual América Latina subdividida nacionalmente en un continente en el que las barreras hayan sido suprimidas. Como anarquistas, que no reconocemos una patria y una nacionalidad, bregamos por la internacionalidad de las sociedades humanas, ultrapasando las fronteras los prejuicios y los autoritarismos localistas. América encontrará solución a muchos de sus problemas el día en que los despóticos sistemas de gobierno nacionales sean sustituidos por una organización en la que los individuos concurren directa y libremente a la atención de los problemas sociales, coordinados en un sistema federativo regional"*

9 Do original em espanhol: *"La acción militante de los anarquistas estará siempre informada por la idea de que todos somos hermanos sin discriminación; de que los distintos orígenes nacionales, continentales, sociales, religiosos, etc., carecen de significación ante la realidad indiscutible de masas oprimidas a lo largo y lo ancho del planeta. Como americanos, denunciamos que la subdivisión del pueblo en exasperados nacionalismos es un mero instrumento de la explotación económica, la opresión política y la desintegración cultural de los habitantes del continente. Como anarquistas, nuestro carácter internacional y cualquiera sea el lugar donde vivamos y actuemos, lucharemos contra los estados existentes y contra los superestados cuya formación se propicia".*

10 Comunidade autogestionária anarquista, fundada em 1955, na cidade de Montevidéu.